

## Discurso pelos 113 anos do IHGSE

*Terezinha Alves Oliva\**

Essa sessão foi aberta com uma alusão à história e aos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Como vimos, ele nasceu há 113 anos; foi, portanto, a 12ª agremiação, desde a fundação do IHGB em 1838, antecedida pelos Institutos de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Bahia, São Paulo, Santa Catarina, Pará, Paraná, Rio Grande do Norte e Paraíba. Todas essas casas de cultura tiveram o objetivo de prover o Brasil e as respectivas unidades políticas de estudos históricos, geográficos e afins, atuarem na defesa de tradições culturais e estiveram voltadas, entre outras missões, à coleta de documentos históricos, à produção e divulgação do saber, à organização de acervos.

Elas nasceram da iniciativa de intelectuais que se agregaram, nos respectivos estados e sendo instituições sem fins lucrativos, o poder público tomou-as sob a sua proteção, atento à importância de ter quem se dedicasse àquelas questões que fizeram o seu propósito. Assim, o Imperador Dom Pedro II foi o grande mecenas do IHGB, enquanto os outros Institutos demandaram apoio do poder público estadual ou municipal.

Em Sergipe, destrinchamos o fio dessa meada com a “História da Casa de Sergipe”, obra basilar em que Ibarê Dantas mostra como o IHGSE veio suprir o que os sergipanos consideravam uma grande e inexplicável lacuna e até um incômodo: a ausência de um organismo de cultura que agregasse os intelectuais e se dedicasse ao estudo e à produção do saber sobre Sergipe, terra que se orgulhava dos conterrâneos ilustres que brilhavam

\* Oradora Oficial do IHGSE



na cena cultural da capital da República ou em outras plagas. Ser a terra de Tobias Barreto, de Sílvio Romero, de Fausto Cardoso, de Manoel Bomfim, de João Ribeiro e de tantos outros homens ilustres que formavam a elite intelectual do Brasil, constituía item fundamental da identidade sergipana. “Ninho de águias”, era como muitos sergipanos viam Sergipe, compensando idealmente a pequenez e a pouca importância de um estado que sabiam ser periférico e sem outro motivo de prestígio.

O IHGSE veio preencher essa lacuna. Nos primeiros anos, que Ibarê Dantas denomina “Tempos de Organização”, o Instituto aprovou o seu estatuto, procurou criar uma rotina de trabalho, estabeleceu rituais, buscou legitimar-se na sociedade e garantir a sua manutenção e funcionamento. Organizado como sodalício, contava com a solidariedade, o trabalho e uma contribuição pecuniária dos sócios, a qual, entretanto, nunca supriu as suas necessidades. Logo, foi preciso fazer relações com empresários, populares, profissionais liberais, parlamentares e chefes do Executivo na Prefeitura de Aracaju e no Governo do Estado, em busca de mecanismos de sobrevivência. Assim, foram previstos subsídios do poder Legislativo e dotações orçamentárias do Executivo, segundo o modelo adotado por todos os Institutos, que passaram a ter, no poder público, o grande provedor. Consequentemente, ao chefe do Executivo estadual essas agremiações sempre conferem o título de presidente honorário, uma honraria que demonstra a relação de confiança e a expectativa de reciprocidade.

Em vista disso, em 1914, Oliveira Valadão inauguraria a praxe, sancionando a lei que concedia subvenção anual de um conto e duzentos réis ao IHGSE e no ano seguinte mandando imprimir a sua Revista Trimestral na Tipografia Oficial. Mas o Instituto não tinha sede própria e isso se tornou um problema, principalmente diante do acervo que ia amalhando. Nos dois primeiros anos, uma sala do Tribunal da Relação fez esse papel. Logo, o governador Pedro Freire de Carvalho colocou as salas do lado sul do palácio à sua disposição. Mas o local estava sujeito às instabilidades da política estadual. Na década de 1920, as revoltas tenentistas levaram até à interrupção das atividades da Casa de Sergipe, durante um ano.



Entre 1927 e 1939 teve início uma campanha pela sede própria. Desde a fundação, o Instituto já ocupara seis locais. Com o juiz Nobre de Lacerda na presidência e a força do Tesoureiro Epifânio Dórea, em 1927, o assunto teve prioridade e foi constituída uma Comissão que tentou a doação de um terreno, o que não foi atendido, apesar das promessas do governador e do prefeito de Aracaju.

Sem desanimar, a campanha avançou, em Aracaju e nas principais cidades de Sergipe, assim como em Santos e no Rio de Janeiro, onde a colônia sergipana era forte. A bancada sergipana no Congresso Nacional também foi demandada e um projeto foi apresentado, destinando 60 contos de réis à construção da sede do Instituto, projeto aprovado, sancionado e transformado na Lei 5.864, de 8/09/1930, mas a Revolução eclodiu um mês depois e apesar de várias interferências junto ao governo Vargas, a verba não chegou. O ânimo dos diretores do Instituto não arrefeceu; então decidiu-se comprar duas casas velhas, que parecem ter pertencido ao pintor italiano Gatti, à Rua Itabaianinha 41, por 25 contos. A mobília que veio nas casas, vendida, capitalizou o Instituto.

Um projeto foi então encomendado ao construtor alemão Arendt von Altenesch, que previu uma obra grandiosa, ao custo de 350 contos de réis; mas os gestores a reduziram a 150 contos, pensando na verba federal de 60 contos, no saldo em caixa de R\$41.581.000,00 (41 contos, quinhentos e oitenta e um mil réis) e confiando em doações. A verba federal chegou em 1934 reduzida pela metade, mas, ainda assim, foi batida e pedra fundamental do prédio em que nos encontramos. Infelizmente o presidente Nobre de Lacerda faleceu em 1935 e o IHGSE ficou acéfalo até janeiro de 1937, quando Epifânio Dória foi eleito para completar o mandato, que se encerraria em julho do mesmo ano. Como presidente, Epifânio solicitou verba ao governador Eronides de Carvalho e dirigiu-se a todos os prefeitos, que, na quase totalidade, doaram entre 100 e 500 mil réis. A obra foi então, retomada e concluída em 1939, não sem novo pedido de liberação dos 30 contos que faltavam do governo federal.

Em 02 de abril de 1939 a instituição inaugurou sua imponente sede, concretizando a atribuição de ser Casa de Sergipe e, no dizer do desembargador Edson de Oliveira Ribeiro, deixou de ser “inquali-

na gratuita a mercê dos despejos de senhorios impacientes”. (Dantas, p.131) Entusiasmado, esse desembargador fez um apelo, cujo eco deveria vir aos nossos dias:

“Sergipanos, protegeei essas instituições culturais, porque Sergipe tem vivido afamado, respeitado e invejado não pela produção de matérias que alimentam estômagos, mas da ambrosia misteriosa que alimenta espíritos.” (Dantas, p.132)

Temos uma sede, portanto, há 86 anos. Um prédio marcante na paisagem da nossa capital, pelo valor histórico e artístico, tombado pelo patrimônio estadual. Mantê-lo em bom funcionamento e conservá-lo tem sido demanda constante do Instituto nessas quase nove décadas. No dia de hoje, a Casa de Sergipe reabre suas portas para realizar essa sessão solene, após quase três anos de interrupção provocada pela última reforma. É uma solenidade em que também se reconhece a sensibilidade do governo do estado e de parlamentares sergipanos, que acorreram com a alocação de recursos e providências para uma intervenção necessária e urgente diante dos riscos que o prédio já oferecia aos frequentadores e ao acervo. A obra não foi concluída adequadamente e o seu transcurso afetou as atividades do Instituto e dos pesquisadores que o procuram. São tempos difíceis, para uma diretoria liderada pela admirável força de uma presidente que, aos 90 anos, não desistiu de lutar, na esperança de concluir sua gestão com um trabalho completo de preservação do patrimônio que nos foi legado pelas gerações passadas.

Mas esse retorno é também simbólico, pois ao tempo em que comemoramos o aniversário do IHGSE fazemos penhor do nosso agradecimento a personalidades que têm emprestado a sua contribuição à Casa de Sergipe, laureando a todos os homenageados com a Medalha Florentino Menezes. Já que não tivemos condições de abrir o auditório no dia 06 de agosto, escolhemos essa data para fazê-lo. No dia 28 de agosto, há 119 anos, foi assassinado o tribuno Fausto de Aguiar Cardoso, deputado federal, orador brilhante e discípulo de Tobias Barreto nos estudos do Direito. A geração fundadora do Instituto venerava a tríade Tobias-Sílvio-Fausto. O ano da

inauguração coincidiu com a chamada “ressurreição de Fausto Cardoso” quando, arrefecidos os ódios da tragédia, Sergipe entronizou na praça principal de Aracaju a estátua do deputado morto.

É evocando esse cenário que se desenrolou aqui tão perto de nós que essa instituição recebe e empossa novos sócios. Aqui estão hoje a museóloga Adirany da Silva dos Reis; a professora-doutora Emmerly Karoline Nascimento Dantas Leite; a professora-doutora Maria Augusta Mundim Vargas e a professora Polyanna Aragão Menezes Oliveira que vêm para somar energias e vontades, num momento em que pleiteamos condições para o retorno pleno do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe às suas atividades, com a integração dos sócios às tarefas e reuniões que congregam intelectuais sergipanos em torno dos objetivos que têm a História, a Geografia e a cultura sergipanas por mote.

Sejam bem-vindas, confreriras! Recebendo a todas com orgulho e alegria, regozijemo-nos, cumprimentando os nossos homenageados e as novas integrantes do Sodalício.

